
Sebastianismo e V Império Remitologização em *Mensagem* de Fernando Pessoa

Letícia Pereira de Andrade (doutoranda, UFRGS)

Resumo: Este artigo se propõe a examinar a remitologização de alguns mitos presentes em *Mensagem* de Fernando Pessoa, numa hipótese interpretativa de que há convergências entre mitos lusitanos e hebraicos bíblicos. Para tanto, seguir-se-á o aparato teórico, sobretudo, de Mielietinski (1987), Eliade (1989), Franco (2010).

Palavras-chave: remitologização; *Mensagem*; mitologia hebraica; Bíblia.

Abstract: This article aims to examine the remythologization some myths present in *Mensagem* of Fernando Pessoa, an interpretative hypothesis that there are similarities between Lusitanian and Hebrew myths. This shall be followed by the theoretical apparatus, above all, Mielietinski (1987), Eliade (1989), Franco (2010).

Keywords: remythologization; *Mensagem*; Hebrew mythology; Bible.

1. Introdução

*Quem te sagrou criou-te português,
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpru-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal.*
(Fernando Pessoa)

Ao falar da importância que um mito desempenha na estrutura de qualquer sociedade, Mircea Eliade (1989, p. 21) afirma que nenhum grupo tem condições de se libertar totalmente de duas das conotações essenciais do comportamento mítico, modelo exemplar e repetição, porque são consubstanciais a toda condição humana. Assim, concordando com Gilbert Durand (2008) que um mito pode se transformar no curso de uma história, produzindo-se numerosas variantes, é possível detectar ressonâncias de mitos hebraicos bíblicos em mitos lusitanos, a partir de textos de Fernando Pessoa (1888-1935)¹, como em *Mensagem* (1934)².

¹ Fernando António Nogueira Pessoa nasceu em Lisboa, em 1888, filho de Joaquim de Seabra Pessoa, crítico musical, e Maria Madalena Pinheiro Nogueira. Após a morte do pai, a família foi obrigada a leiloar parte dos seus bens e depois do segundo casamento da mãe, por procuração, com o comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal em Durban, Fernando Pessoa muda-se com a mãe e um tio avô para a África do Sul (Durban). Em 1905, retornou sozinho para Lisboa e, no ano seguinte, matriculou-se no Curso Superior de Letras. Porém, abandonou o curso um ano depois. Em 1912, começou suas atividades como: ensaísta e crítico literário, na revista *A Águia*. Nunca se casou. Em 1935, morre em Lisboa, aos 47 anos, o maior poeta português do século XX. (Breve biografia em “Apresentação de *Mensagem*”, elaborada por Jane Tutikian, 2006 p. 3-4).

² Publicado primeiramente em 1934, pela editora portuguesa Parceria António Maria Pereira. Utilizaremos neste trabalho a edição de 2006, publicada pela editora L&PM e comentada por Jane Tutikian.

Por mais específicos que possam parecer os dramas portugueses, ainda assim acreditamos que sua expressão pode pôr em evidência questões que dizem respeito a outros povos. Talvez por isso, Gilbert Durand (2008, p. 14) afirma que “Portugal possui em abundância todos os mitos da Europa”. Mais do que isso, este trabalho pretende mostrar que o imaginário mítico dos portugueses converge para a tradição hebraica. Portugal como Israel parece ter uma mesma “missão espiritual”, daí mitos similares: o Sebastianismo ou Messianismo e o V Império.

Corroborando essas convergências, Lima de Freitas (2006, p.76), que ao atestar a universalidade dos mitos, diz que estes são arquétipos que governam a humanidade. Segundo o autor:

A Península é o resultado de camadas de subconscientes muito variadas: nórdicos, celtas, árabes, com todas essas moiras encantadas... tem, por isso, um fundo mítico muito grande; e quando afirmo que não existem mitos portugueses faço-o, evidentemente, em sentido estrito, porque existem formas tipicamente portuguesas de mitos e é através do estudo dessas formas que podemos alcançar uma possibilidade séria de autoconhecimento (FREITAS, 2006, p.77).

Nessa fusão com outros povos, Portugal criou sua história e mitos. Também como ocorreu na Península Ibérica, a cosmovisão, que os hebreus³ desenvolveram ao longo dos anos, teve aproximação com outras culturas mitológicas. Inclusive, podemos pensar que o mito hebraico foi influenciado por mitos mesopotâmicos e cananeus. Nesse processo de fusão de mitos, um povo determinado revê seu passado, faz o presente, projeta o futuro, procurando reescrever seu destino. Todas as palavras abrem-se assim às palavras do outro; o outro podendo corresponder ao conjunto literário existente ou a uma memória coletiva do povo.

A hipótese deste trabalho é que na “remitologização” (MIELIETINSKI, 1987) do Sebastianismo em *Mensagem*, de Fernando Pessoa, é possível verificarmos vestígios da mitologia hebraica, como um “caminho entre o indivíduo e a Humanidade”, como diz o próprio poeta (PESSOA, 1993, p. 91). A ideia de remitologização é oferecida por Mielietinski, em *A Poética do Mito* (1987), mostrando que um dos traços mais importantes das vanguardas artísticas do fim do século XIX e início do século XX foi uma revalorização do mito como forma discursiva e como revelação de camadas mais profundas do psiquismo da história da humanidade.

³ O nome hebreu vem da designação do nome de *Heber* (Gênesis 11:14-17) – do hebraico עבריים, “*ibri*” que significa “do outro lado”, numa referência a Abraão (descendente de *Heber*), o pai da nação. Este termo foi achado em diversos documentos, durante vários períodos da história antiga, na época dos patriarcas; e tornou-se pouco usado após a segunda metade do século X a.C. Hebreu como nome para o povo foi usado principalmente a partir da vivência deste no Egito (JOSEFO, 2004). Vale notar que os termos hebreus, judeus e israelitas referem-se a um mesmo povo.

2. Portugal de *Mensagem*: similitude hebraica

*Nação porque reencarnaste,
Povo porque ressuscitou
Ou tu, ou o de que eras a haste –
Assim se Portugal formou.*
(Fernando Pessoa)

Em alusão à *Bíblia*, Pessoa inicia seu texto *Mensagem* com uma epígrafe em latim, traduzida por ele da seguinte forma: “Bendito seja Deus Nosso Senhor, que nos deu o Verbo” (PESSOA, 2006, p. 13). O verbo ou a palavra havia sido dado aos Portugueses. Segundo Elêusis Camocardi (1996, p. 10- 11), esse projeto poético é antigo no espírito de Pessoa: pretendia enaltecer a pátria transmitindo uma “mensagem” de fé aos destinos da nação, por acreditá-la predestinada, aliás, ela recebeu de Deus um sinal.

Em vários textos em prosa do livro *Sebastianismo e V Império* (2011), Pessoa fala deste plano: “Compete-nos – a nós portugueses – a realização d’esta obra” (p. 99); “É preciso que creêmos creadores, que organizemos a alma portugueza” (p. 104); “Realisemos em nossa alma a vinda de D. Sebastião” (p. 109). Diante disso, podemos dizer que Pessoa se considerava o próprio “Verbo” assim como o Cristo, querendo ser o mestre da remitologização ou o poeta-profeta do povo português, a fim de empreender uma viagem espiritual universal e criar uma pátria ideal que se opunha a pátria real, a do século XX. Como havia acontecido com o povo hebreu o qual estruturou sua vida social em torno dos seus mitos e histórias.

Talvez seja uma mera coincidência, mas como *Mensagem* está dividida em três partes, como um círculo perfeito (**Brasão, Mar português e O Encoberto**), assim a *Bíblia* hebraica também contém divisão em três partes: **A Lei (Torah)**, **Os profetas (Nebhiim)** e **os Escritos (Kethubhim)**.

A primeira parte da *Bíblia* hebraica, **A LEI (Torah)**, conta a gênese do universo e do povo ungido por Deus e suas primeiras conquistas. As perguntas sobre a origem da vida sempre teve espaço no pensamento humano. Para os hebreus, a Torá é a revelação divina, ou seja, o documento de fundação tanto da *Bíblia* como da história do seu próprio povo. Na segunda parte da *Bíblia*, **OS PROFETAS (Nebhiim)**, em meio aos sofrimentos e exílios, são descritas, sobretudo, as profecias do Messias que haveria de vir. Essas histórias, desde Josué à queda da monarquia, estão combinadas com os textos proféticos, como ilustração histórica de tudo o que os profetas prometeram e mostraram sobre a Lei. Na terceira parte, **OS ESCRITOS (Kethubhim)**, tem-se a preparação

histórica e mitológica para a chegada do Messias – um futuro já predeterminado⁴. Assim, a história da *Bíblia* hebraica representa uma sequência que pressupõe uma periodicidade certa no modo como Israel se (re)erguerá, permanecendo o propósito final de Deus sempre misterioso.

Na primeira parte de *Mensagem* conta-se a história das glórias portuguesas. Na segunda, são apresentadas as navegações e conquistas marítimas de Portugal. Na terceira, é apresentado o mito sebastianista do retorno de Portugal às épocas de glória. Percebemos, por conseguinte, que na história social desses povos há uma equiparação: ambos receberam um sinal de Deus, ambos viveram momentos de glórias, com períodos de decadência, seguidos da busca por esperanças. Sobretudo, esperam a vinda de um “rei restaurador” para cumprir a missão universalista deste reino eleito, inscrita desde a sua fundação divina.

Essa narrativa mítica desempenha uma função dentro da estrutura da sociedade. Segundo Aristóteles (1980), há três funções para o mito: uma forma atenuada de intelectualidade; uma forma independente de pensamento ou de vida; e como um instrumento de controle social. É possível perceber que, na história de Israel, um único homem de cada vez (Moisés, Josué, Samuel, Davi etc.) sempre comandava ou controlava o povo hebreu por meio de seus mitos, os quais eram cantados de geração a geração. O mito aqui é uma narrativa que atende a uma coletividade, como se fosse uma resposta a uma pergunta coletiva, reveladora da necessidade de preenchimento de um espaço vazio.

O início da história dos judeus encontra-se em sua mitologia cosmogônica. O próprio Deus escolhe um homem, chamado Abrão⁵ e lhe faz uma promessa de que da sua descendência surgiria uma grande nação. E dessa nação viria o Messias – o salvador do mundo. De Abraão, Isaque e Jacó (ou Israel) surgiram doze tribos. Após tornarem-se escravas no Egito, Moisés libertou essas tribos conduzindo-as pelo deserto, o Êxodo. O povo foi levado para a Palestina por Josué, sucessor de Moisés. Após tomar essa terra de outros povos, após muitas lutas, as doze tribos se dividiram entre si. As informações sobre as vitórias e derrotas desse povo encontram-se na *Bíblia*, o livro sagrado desse povo.

⁴ Ao contrário, para os cristãos, todos os textos históricos colocam a história de Israel no passado.

⁵ Abrão teve seu nome posteriormente trocado pelo próprio Deus: “E não se chamará mais o teu nome Abrão (que significa pai da altura), mas Abraão (que significa pai de uma multidão) será teu nome; porque por pai da multidão de nações te tenho posto. E te farei frutificar grandissimamente e de ti farei nações, e reis sairão de ti” (Gênesis 17:5-6). De Isaque, seu filho com Sara, descendeu o povo de Israel e de Ismael, filho com a escrava Agar, descendeu o povo árabe. É muito difundido na *Bíblia* o fato de os heróis nascerem de mães estereis, como Sara que, de forma sobrenatural, teve Isaque já avançada em idade (Também assim foi o nascimento de José, de Sansão, de Samuel e outros) (cf. JOSEFO, 2004).

Ao analisarem o texto do profeta Isaías, Alter e Kermode (1997, p. 193) chegaram à conclusão de que o profeta animava o povo hebreu a ter esperança saindo do passado: “Não fiqueis a lembrar de coisas passadas” (Isaías 43:18). Sobre esse assunto Isaías introduz alguns símbolos como: o futuro que emerge como uma semente brotando-se e abre para si um caminho para o alto; o próprio Deus como uma mulher grávida que suspira ofegante enquanto dá à luz, capaz de trazer um novo tempo, em uma nova criação.

Isaías vê o futuro como uma nova criação porque, com efeito, o futuro ainda não existe. Um futuro livre e glorioso parece impossível. Para Deus, contudo, nada é impossível. O criador do universo pode transformar a natureza, renová-la e recriá-la. O Deus da história pode criar uma nova era no tempo histórico. Esse Deus, criador do mundo e de um povo, é a garantia definitiva de esperança. Cantar orações constitui tanto a fundação quanto a realização da esperança. (ALTER e KERMODE, 1997, p. 193).

Parece-nos que Pessoa compartilhava com essa ideia de que por meio de sua canção ou poesia poderia se fundar uma nova esperança em Portugal. Para o poeta, um grande inimigo da esperança era a nostalgia: o sonho de um passado dourado, que nunca voltaria. Dedicando tempo excessivo ao passado, o povo português não vê o presente nem o futuro. Na ânsia de denunciar essa nostalgia paralisante e instruir o povo a não viver no passado, Pessoa profetiza, assim como Isaías, o advento de um futuro novo.

Fernando Pessoa, sabedor dessa histórica mítica, usa o mesmo instrumento hebreu para tentar guiar um tão grande povo. Foi graças a “fecundação” do mito, com as suas típicas raízes litúrgicas, que Moisés, por exemplo, guiou Israel do Egito à Terra Prometida. O trânsito cultural dessa materialidade do mito receberá aderências ideológicas de cunhos mais diversos. Segundo Pessoa, a vida por si só nada vale porque logo desaparece, mas o mito persiste: “a vida, metade de nada, morre” (PESSOA, 2006, p. 20).

O mito explana uma relação simbólica de grande expressividade e valor cultural de um povo. Assim, o poeta, em uma tentativa hermenêutica de analisar o mundo português, parece-nos propor uma reinterpretação da linguagem mitológica universal. Ou seja, aciona um processo de dinamização de construções simbólicas adequadas à descrição dos eternos modelos de comportamento individual e social, de certas leis essenciais do cosmo, que torna extremamente atual o problema do imaginário e a investigação dos motivos psicológicos nos poemas de *Mensagem*.

Conforme Pessoa, na epígrafe acima, Portugal nasce de uma reencarnação, ou ressurreição porque era haste. Historiadores divergem em relação à chegada dos primeiros judeus nessa região. Entretanto, é sabido que, em 29 a. C., quando entrou no domínio da história escrita, na época da invasão romana na Península Ibérica, Portugal

já era um território habitado por vários povos, inclusive judeu. A presença hebraica na Península Ibérica encontra seus primórdios na antiguidade.

Alguns autores de estudos clássicos atestam que os judeus deslocaram para essa região em variadas épocas e por razões as mais diversas: um grupo de comerciantes, na época de Salomão (1015-977 a. C.); outra leva, como fugitivos, trazidos da Babilônia, em consequência da destruição do primeiro Templo durante o reinado de Nabucodonosor (597 a. C.); grupos menores ou familiares, esporadicamente, também teriam seguido a mesma rota; e durante a dominação romana na Palestina (sob as intervenções de Pompeu e Tito Lívio) e a destruição do Templo, muitos judeus optaram por emigrarem para a região do Ocidente Mediterrâneo (cf. KAYSERLING, 1971; HERMANN, 1998). Diante disso, podemos pensar que a mitologia hebraica alimentou diversos messianismos medievais e teve uma presença recorrente na cultura portuguesa, ou seja, no universo de mitos do Atlântico, constituído pelas diferentes diásporas e inúmeras histórias que fazem referências aos hebreus.

O ato de nascer no reino português, politicamente, em fins do século XII, sob a espada abençoada por “visões divinas” e comandada por Afonso Henriques⁶, dá-se num momento em que os “filhos de Abraão” já se encontravam comerciando em algumas localidades de grande povoamento e importância, como Santarém, Coimbra e Lisboa (HERMANN, 1998).

Seria a continuação de uma mesma história ou mitos? De onde terá vindo esta ideia de que um mito pode ser tão poderoso atuando numa coletividade? Mesmo se falso (isto é, mesmo que seja “nada” ou “não verdadeiro”), na concentração de Pessoa, um mito tem o potencial de provocar comportamentos sociais e, portanto, promover a evolução de uma nação. Como afirma Maria Amélia Gomes,

Pessoa cria um Portugal mítico porque o real o não satisfaz, nem pela mentalidade acanhada, nem pelas instituições em crise. O seu Portugal não é o das conquistas nem o do *status quo*, mas o das Descobertas: é evolutivo, universalista, difusor de cultura, ultrapassando pelo espírito as suas fronteiras materiais. (In: PESSOA, 1993, p. 92)

Fernando Pessoa, então, instituiu um ideal patriótico, o “sebastianismo racional” (apesar de místico), imprimindo uma mensagem regeneradora da pátria e do universo dos homens. O que está presente na escrita de Pessoa é o fato de que não se restringe ao

⁶ Afonso Henriques era filho do Conde D. Henrique de Borgonha e de D. Tareja, infanta de Leão. O caráter de inspiração divina de Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, faz parte do mito de Ourique. Esse corajoso homem, como o rei Davi, vence as batalhas por intermédio da ajuda divina, por isso torna-se 1º rei. Por milagre venceu a batalha de Ourique, a tomada de Santarém, e pelo milagre da vinda dos Cruzados se fez a conquista de Lisboa. Maior milagre foi o de Alcácer, quando com sessenta cavaleiros, sem couraças, D. Afonso Henriques desbaratou a um exército de quarenta mil infantes e quinhentos Mouros de cavalo (cf. AZEVEDO, 1918, p. 7).

conhecimento em torno da materialidade e da compreensão de um povo (português ou judeu), mas ela assume preocupações superiores e se consagra como universalista, por meio de sua atividade estética literária singular.

Portugal viveu crises e decadências. Na visão de Pessoa, a República era uma forma de “decadência”, de “desnacionalização” e teria sido fruto de um processo histórico caracterizado por: 1) pelo desaparecimento do rei D. Sebastião (ao qual se sucedeu a invasão espanhola); 2) a implantação da Monarquia (tipicamente inglesa). Essas três etapas da história portuguesa teriam interferido de modo decisivo na vida nacional, sendo, segundo Pessoa, causa da “desorientação em que temos vivido” ou da “decadência que temos vegetado” (PESSOA, 1980).

Vivendo a nebulosidade que se encontrava Portugal no início do século XX, como o próprio “Verbo” que estava no princípio com Deus, Fernando Pessoa decide revalorizar o mito como forma discursiva e como revelação de camadas mais profundas do psiquismo humano, para assim sugerir a ressurreição das glórias em um novo Império, um novo tempo. Nesta perspectiva, em cartas escritas a amigos, Pessoa (1978; 1988; 2011) registra que tem clara a sua missão: atingir as massas por meio da criação (ou recriação) do mito, do “sebastianismo racional”:

Temos, felizmente, o mito sebastianista, com raízes profundas no passado e na alma portuguesa. Nosso trabalho é, pois mais fácil, não temos que criar um mito, senão que renová-lo. Começemos por nos embebedar desse sonho, por o integrar em nós, por o encarnar. Feito isso, por cada um de nós, independentemente e a sós consigo, o sonho se derramará sem esforço em tudo que dissermos ou escrevermos, e a atmosfera estará criada, em que todos os outros como nós, o respirem. Então se dará na alma da Nação o fenômeno imprevisível de onde nascerão as novas Descobertas, a Criação do Mundo Novo, o Quinto Império. Terá regressado El-Rei D. Sebastião. (PESSOA, 1978, p. 225).

Este é o projeto nacional de Pessoa: remitologizar o Sebastianismo, consequentemente, o V Império, pois D. Sebastião, o rei salvador oculto, trará consigo o “Mundo Novo”. Esse plano de salvação foi artisticamente apresentado em *Mensagem* – uma espécie de história sagrada de Portugal. *Mensagem*, portanto, é uma obra que vai além de uma observação da história portuguesa. Estabelece uma harmonia perfeita entre o mito e a história, o mundo pagão e o mundo judaico-cristão, o mundo esotérico, e outros mundos múltiplos.

Em *Mensagem*, Portugal é um instrumento de Deus, tal como Israel na *Bíblia*. A história pátria obedece a um plano oculto, os heróis cumprem um destino que os ultrapassa: “Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal / A mão que ergueu o facho que luziu, / Foi Deus a alma e o corpo de Portugal / Da mão que o conduziu” (PESSOA, 2006, p. 40). Por fim, qual seria a esperança para Portugal? V IMPÉRIO? NEVOEIRO?

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,

Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer –
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a hora!

(PESSOA, 2006, p. 58)

Consciente da profunda crise nacional, em NEVOEIRO, no último poema de *Mensagem*, Fernando Pessoa profetiza “a hora chegada” de se enveredar por outros mares. A pátria portuguesa não está morta, na concepção do poeta, por isso “é a hora” de libertar-se do profundo sono... Nesta perspectiva, o poeta se propõe a contribuir para a recomposição de outro tecido essencial para o conhecimento humano.

3. Sebastianismo e V Império: a remitologização

Portugal precisa dum indisciplinador. Todos os indisciplinadores que temos tido, ou que temos querido ter, nos têm falhado. Como não acontecer assim, se é da nossa raça que eles saem? As poucas figuras que de vez em quando têm surgido na nossa vida política com aproveitáveis qualidades de perturbadores fracassam logo, traem logo a sua missão. Qual é a primeira coisa que fazem? Organizam um partido... Caem na disciplina por uma fatalidade ancestral. (PESSOA, 1986, p. 53).

Na epígrafe acima, Pessoa parece não querer trair a sua missão salvadora da humanidade. O livro *Mensagem* parece tentar apresentar uma poesia capaz de reverter mais de três séculos da história decadente de Portugal. Como ele mesmo disse: “Sou uma grande ânsia do tamanho exacto de Portugal. Eu, ao menos, sou bastante para indicar o caminho” (PESSOA, 1997, p. 21). Pessoa pretende doar a si mesmo, como um tipo de Cristo, de herói libertador, a fim de contribuir para a evolução da humanidade. Sua intenção parece ser anunciar o aparecimento de um criador ou uma criação que trabalhasse o espírito português disperso e estagnado, marcando o início de uma nova era na evolução literária/cultural ou na história da humanidade.

Percebemos que na visão de Pessoa (PESSOA, 1980, p. 27), há uma esperança para Portugal: o ressurgimento de um período criador na literatura trazida por uma espécie de “supra-Camões” ou “de um Shakespeare” ou de um Messias. Nesta perspectiva, Pessoa se refere à profecia do ressurgimento de um grande criador e/ou de

uma grande criação de “mensagem civilizacional”, tal qual nunca se viu e nem se ouviu, construindo um Império não material. Remitologiza-se, assim, a esperança em um Messias que traria um V Império. Trabalha, assim, poeticamente o mito do Messianismo ou Sebastianismo e do V Império.

Para Pessoa (1979, p. 91) é necessário preparar “o caminho dos grandes gênios portugueses, ainda, que contra a voz profética, eles não venham nunca”. A modelo do profetismo hebraico que tem uma dimensão política e cultural, o profetismo mítico português reza que El Rei D. Sebastião regressará em um dia de Nevoeiro para instaurar aquela que será uma Nova Era. Com a morte de D. Sebastião e a ausência de descendentes ao trono, o reino de Portugal foi anexado à rival Castela. O fato de nunca ter sido encontrado o corpo do rei, associado à sujeição a Castela e fundido às trovas de Bandarra deu origem ao mito português: o Sebastianismo. Tal profecia é, desde Bandarra, Camões, passando pelo Padre António Vieira e nos textos de Fernando Pessoa, principalmente em *Mensagem*, objeto de várias leituras e interpretações ao longo dos séculos em que foram intentadas as suas interpretações.

O messianismo é, em termos restritos, a fé no retorno de um enviado divino libertador, um Messias (*mashiah* em hebraico, *christós* em grego) com poderes e atribuições que salvará seu povo ou um grupo oprimido. O profeta Isaías (da *Bíblia*⁷) parece ser um dos primeiros a proclamar a ideia de um Messias. E Bandarra⁸ um dos primeiros a proclamar o retorno de D. Sebastião, o Messias português. Essas tendências messiânicas podem ser identificadas em vários fenômenos nacionais, como por exemplo: na Pérsia entre os zoroastristas; no Brasil em movimentos sociais religiosos; em Portugal no Sebastianismo. Dessa forma, o Sebastianismo, um dos mitos retrabalhados por Fernando Pessoa, é visto como uma forma ou manifestação do fenômeno messiânico.

⁷ Trataremos neste trabalho da *Bíblia* hebraica - *Tanakh*. Vale ressaltar que trataremos os mitos hebraicos e a *Bíblia* como literatura (conforme: FERREIRA, 2012; GABEL e WHEELER, 1993; SCHREINER, 2004). Também é importante ressaltar que há diferença entre a *Bíblia* hebraica e a cristã. Segundo Costa (2006, p. 21), a *Bíblia* hebraica, também chamada de *Tanakh*, apresenta os mesmos livros que compõem o Antigo Testamento da *Bíblia* cristã. Contudo, a diferença entre ambas é a ordem em que esses livros aparecem. A hebraica dispõe os livros proféticos, que falam do Messias, no meio da *Bíblia*, talvez dizendo com isso que o Messias ainda não veio. A ordem dos livros obedece ao seguinte padrão: **1. A LEI** (*Torah*) – *Gênesis*, *Êxodo*, *Levítico*, *Números*, *Deuteronômio*; **2. OS PROFETAS** (*Nevi'im*) – Profetas Anteriores (*Josué*, *Juízes*, *Samuel*, *Reis*) e Profetas Posteriores (*Isaias*, *Jeremias*, *Ezequiel* e *os Doze*); **3. OS ESCRITOS** (*K'tuvim*) – Livros poéticos (*Salmos*, *Provérbios* e *Jó*), Cinco rolos (*Cântico dos cânticos*, *Rute*, *Lamentações*, *Ester* e *Eclesiastes*) e Livros Históricos (*Daniel*, *Esdras*, *Neemias* e *Crônica*).

⁸ Gonçalo Eanes Bandarra ou Gonçalo Anes (1500-1556), o Bandarra foi um [sapateiro](#) e profeta português, autor de *Trovas* messiânicas que ficaram ligadas ao [sebastianismo](#) e ao milenarismo português. (Para saber mais sobre o assunto, ver: BESSELAAR, José Van Den. As trovas de Bandarra. In: VIEIRA, Antônio. *Profecia e Polêmica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 277-313).

Nesse fenômeno, é possível perceber a presença de forte sentimento coletivo capaz de superar a tragédia de uma vida de sofrimentos e injustiças, ressurgindo assim a esperança de uma vida melhor, cheia de felicidade e paz social. As crenças messiânicas realizam desse modo uma catarse coletiva, buscando diminuir tensões à medida que oferecem a esperança de transformação do real. O caráter transcendental de um mito, como expressão singular de um universo que consegue penetrar a alma humana de diversas culturas, passa a fazer parte da história desses povos, que pelas desventuras, sacrifícios e necessidade de viver, reacendem suas esperanças e criam imaginariamente um mundo novo cheio de venturas.

A imagem de D. Sebastião parece ser tão importante para a cultura portuguesa assim como o Messias é para a cultura hebraica, dentre outras, tornando-se uma simbologia universal ou arquétipos literários. Independente de fantasia ou realidade, atualmente ainda há portugueses que aguardam a volta de D. Sebastião, assim como há israelitas ou israelenses esperando o Messias e uma parte de cristãos do mundo alimentando suas crenças numa segunda vinda de Jesus Cristo.

O Sebastianismo é registrado em diversos discursos e ganha maiores proporções em momentos de crise na história de Portugal. Francisco Iglesias sugere algumas definições para esse mito, tais como: “expressão do malogro nacional, após uma fase de grandeza, a alimentar a esperança de possível recuperação, com apelos irracionais a uma fantasia” ou “esperança de futuro melhor pelo surgimento de algum salvador, que pode ser D. Sebastião ou outro, em encarnações diferentes” (IGLESIAS, 1981, p. 277, 278).

O poeta Fernando Pessoa parece ter em mente que, na história da humanidade, o fenômeno messiânico é sempre ressurgente quando um povo atravessa vicissitudes históricas análogas às do povo hebreu. Movido pela busca de “um *Mais Além*” (PESSOA, 1993, p. 91 – grifo do autor), tomando posição de cidadão livre de dogmatismos, Fernando Pessoa, assim como Moisés que guiou por quarenta anos o povo hebreu pelo deserto, propõe ser um “estimulador de almas”, um “despertador de energias alheias”, por meio dessa remitologização.

Nesse processo de atualização, surgem fragmentos de vozes, discursos regidos no sentido de apontar para dois fatores importantes que denotam um novo tempo: a remitologização e a re-historicização (TUTIKIAN, 2006, p. 11). Por *Mensagem* trazer um discurso regido por um verso quase esvaziado (“É a hora!”), Pessoa tenta re-historicizar e remitologizar essa história esvaziada e fragmentária. Segundo Tutikian (2006, p. 11), essa remitologização é uma nova proposição mitológica, a do

“desmascaramento e a busca da verdade, da realidade ideal, do V Império Espiritual, o Império da Perfeição, encarnado em D. Sebastião”.

Seguindo apontamentos de Bakhtin, Tutikian (2006) observa que este último verso de *Mensagem* (“É a hora!”) é o anúncio de um processo que abre uma brecha para a chamada “inversão histórica”, em que o passado se pode realizar no futuro, devolvendo ao poema o seu sentido épico. *Mensagem*, ao abarcar o tempo presente decadente, remitologiza (MIELIETINSKI, 1987), então, a história de Portugal em prol de um ideal, o V Império não material.

A ideia de V Império aparece no legado profético bíblico. Primeiramente profetizada por Daniel. A profecia de Daniel foi proferida em uma época de maiores crises judaicas ocorridas no século II, em particular em 167-164 a.C. A Terra Santa encontrava-se então no império de Antíoco IV, cuja base era a Síria. Ele atacou os judeus mais conservadores e fez o templo ser usado no estilo da religião helenística. Com uma mistura de histórias arrebatadoras e visões apocalípticas, Daniel visa reanimar a fé e encorajar os que estão sendo atacados. Sua mensagem é de que a crise já era prevista e encontra-se dentro dos desígnios seguros de Deus. Os dias do mal estão contados. Logo virá o reino de Deus, com alegria para todos os fieis.

De acordo com essa mensagem, Daniel explica o sonho do rei da imagem com cabeça de ouro, peito de prata, barriga de bronze e pernas de ferro. Essas partes da imagem significam os diversos impérios do mundo destinados a suceder um ao outro. O povo da época do autor pensaria em como os babilônicos haviam sido sucedidos pelos medos, pelos persas e, agora, pelos gregos, um dos quais, Antíoco, estava governando realmente com força de ferro. E, com alegria, ouviriam que logo a pedra de Deus atingiria os pés da imagem, que eram misturados com argila. Então, a monstruosa estátua seria pulverizada e levada pelo vento. Sobre a pedra messiânica, seria estabelecido o reino de Deus (Daniel: 2, 38-45).

A interpretação profética dessa imagem foi feita também por profetas portugueses, como Bandarra e Padre António Vieira. Esse mito do novo tempo, o V Império, tornou-se mais tradicional em Portugal depois de fixado pelo padre Antonio Vieira, a partir da leitura que fez das trovas populares de Bandarra. O próprio Camões, em *Os Lusíadas*, fez alusão a uma profecia da *Bíblia* hebraica sobre o V Império, vaticinando que Portugal seria o V Império sucessor dos impérios assírio, medo-persa, grego e romano, profetizado pelo judeu Daniel (capítulo 2):

Eternos moradores do luzente / Estelífero Pólo, e claro Assento: / Se do grande valor da forte gente / De Luso não perdeis o pensamento, / Deveis de ter sabido claramente / Como é dos fados grandes certo intento / Que por ela se esqueçam os humanos / De Assírios, Persas, Gregos e Romanos (CAMOES, 1991).

Historicamente, há muitas outras reinterpretações desse mito. Vieira defendia que D. João IV reencanaria D. Sebastião vindo como O Encoberto. A crença mítica que D. Sebastião retornaria prosseguiu com o passar dos anos e, durante a segunda metade do século XVII, ocorreu uma efervescência importante, quando o padre António Vieira profetizou a “instauração do Reino de Deus sobre a terra” que ele denominou de “V Império”: o reinado de mil anos ou milênio de Paz que abrangeria todas as raças, nações e culturas (Dentre outros, Isaías, no capítulo 11, 35 e 60 também havia profetizado sobre o reino de paz do Messias).

Junto com a materialização de D. Sebastião ou do Messias surge o novo tempo: o V Império, para alguns, material, para outros, espiritual. Pessoa também reformula este mito. Segundo o poeta, os impérios decadentes não são os impérios do mundo antigo, como profetiza a *Bíblia*, mas a partir da Europa ocidental, são: o grego, o romano, o da Europa cristã e o da Europa iluminista: “Grécia, Roma, Cristandade, / Europa – os quatro se vão” (PESSOA, 2006, p. 48). Esse V Império se diferenciaria desses quatro por não se basear na violência (“*Bellum sine bello*”⁹), produzida pelas formas tradicionais de poder, tais como a guerra, a colonização e a evangelização, mas na paz universal, que só poderá ser alcançada por meio da universalização de uma cultura: “Pax in Excelsis”; “Valete, Fratres”. E essa cultura será (re)erguida da mais profunda “decadência” e “desnacionalização”.

Pessoa se faz mensageiro ou profeta, como Bandarra e Vieira, da chegada de D. Sebastião, evocando seu Senhor: “Só tu, Senhor, me dás viver. / Só te sentir e te pensar / Meus dias vácuos enche e doura (...) Tornar-me mais que o sopro incerto / De um grande anseio que Deus fez?”. O eu poético anseia pela chegada do seu Senhor que o despertará do mal que existe: “Mas quando quiserás voltar? / Quando é o Rei? Quando é a Hora?”. Esta última palavra grafada em maiúscula remete para o final da obra, momento exato do cumprimento da vinda do Encoberto: “É a hora!”. Assim, *Mensagem* profetiza o retorno do Encoberto no tempo de **O Nevoeiro**, como cumprimento das profecias. E, no final desse “Poema dos poemas”, este se concretiza, pois é chegada a hora.

⁹ “Guerra sem guerra” é a epígrafe em latim que abre a primeira parte da obra *Mensagem*: BRASÃO. A segunda parte, MAR PORTUGUES, é aberta pela epígrafe “Possessio Maris” que significa “Domínio do mar”. E a última parte, O ENCOBERTO, abre-se por: “PAX IN EXCELSIS” ou “Paz nas alturas”. O livro encerra-se com a frase também em latim: “Valete, Frates” que significa um cumprimento, “Salve, irmãos”. Aqui o tema da fraternidade é uma metonímia para o laço que une a humanidade inteira.

O profetismo português surgiu, portanto, inspirado no pensamento judaico-cristão que se resume na chegada de um Messias. Nas palavras de Franco (2010, p. 155):

O Profetismo lusitano anuncia a esperança da regeneração da sociedade portuguesa, de uma idade de ouro, da chegada de um grande chefe, de um monarca que conduzirá Portugal e a Igreja Católica às glórias antigas e assegurará o seu triunfo no quadro mundial de acordo com o que se crê estar divinamente predestinado por Deus, quando da fundação do reino de Portugal. O Profetismo português surgiu, tanto quanto nos é dado conhecer pelos documentos, com o esforço de afirmação da autonomia do reino perante os outros estados europeus, estando, portanto, na sua origem e consolidação um Profetismo de cariz político que não hesitou em recorrer a elementos subsidiários de ordem religiosa e até de modelação mitogénica para legitimar e fundamentar, com condições de credibilidade, a sua mensagem profética.

O profetismo português converge, portanto, ao profetismo hebraico: a proclamação do povo eleito, a crença no futuro melhor e a chegada do Messias. Certamente essa convergência daria credibilidade ao profetismo português. Tal como na *Bíblia*, o mediador humano-divino, o profeta português incorporaria a palavra de Deus e a transmitiria ao povo, enxergando o passado, presente e futuro. Talvez por isso, no século XV, com a expulsão e perseguições dos judeus de Portugal, aumentou essa mensagem da chegada do Messias, pois estes viviam em situação social e religiosa marginal. Inclusive o português Isaac Abarbanel anunciou a chegada do Messias para o ano de 1503; Diogo Pires fez várias previsões; e Luís Dias autoproclamou-se como o Messias (cf. FRANCO, 2010, p. 156). Aqui se sustenta a visão tradicional do profeta como um mensageiro contra a desesperança.

Portanto, o profetismo mítico em Portugal foi um elemento importante para a compreensão da mentalidade, da cultura e do imaginário coletivo desse povo. É como se fosse um estímulo para o povo continuar prosseguindo, olhando para o futuro e acreditando que este será melhor do que aquilo que já se conhece. É uma espécie de evocação de uma forma particular de vida social. É uma mensagem que possa constituir uma resposta à crise e à sociedade degradada. Nesta perspectiva, Pessoa revaloriza esses mitos e os valores da cultura no “sebastianismo racional”, tornando-se parte do legado do profetismo português.

4. É a hora! V Império Espiritual

Nevoeiro

*Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer –
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.*

*Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...*

É a hora!

(PESSOA, 2006, p. 58)

Pessoa profetiza, em *Mensagem*, com ações e símbolos linguísticos e, como um profeta do ocultismo¹⁰, tenta transmitir para os “não iniciados” os códigos simbólicos. Fernando Pessoa tenta desvendar a linguagem cifrada da história portuguesa. Por isso, Pessoa começa falando sobre o “futuro do passado” e menciona depois “o som do presente desse mar futuro.” Seus poemas criam realmente um clima de profetismo. Quando virá D. Sebastião? “Não sei a hora, mas sei que há a hora.” (PESSOA, 2006, p. 42). Ele é o poeta do anúncio da esperança, assim como foi Isaías.

Assim sendo, o discurso mito profético de Pessoa questiona a ação da linguagem, propondo uma “guerra sem guerra”, inscrevendo-se na contracorrente dos “patriarcas portugueses”, como Camões, como a fé católica e o sebastianismo saudosista. Na concepção desse cantor da esperança, a palavra é tão fértil e prolífica que “guarda o corpo e a forma do futuro” (PESSOA, 2006, p. 42). O poeta parece estar consciente de sua missão transcendental por meio da linguagem poética, a cujo serviço pôs seu consumado talento literário. Aliás, o chamado da profecia é uma força natural irresistível e espontânea: “Um leão rugiu: quem não temerá? O Senhor Deus falou. Quem não profetizará?” (Amós 3:8). O poeta é emissário de uma realidade oculta revelada pelo além: “Emissário de um Rei desconhecido, / Eu cumpro informes instruções do além / e as bruscas frases que aos meus lábios vem / Soam-me a um outro e anômalo sentido...” (PESSOA, 1993).

Por meio da linguagem poética, o homem e a divindade pode se comunicar. Ao receber um oráculo inteligível do além, assim como os profetas-sacerdotes bíblicos, o poeta-mensageiro anuncia a mensagem pondo-a em certa “ordem”, trabalhando por fazer seu povo elevar-se à verdadeira grandeza moral e espiritual, o chamado V Império Espiritual. Isso porque as mensagens recebidas pelos profetas nos leva a pensar que não se trata de comunicações *ipsis verbis* proferidas por Deus, pois nessas mensagens, a par

¹⁰ Na perspectiva do ocultismo, o profeta é aquele que proclama e interpreta um oráculo, portanto, é um adivinho.

da revelação espiritual, há elementos caracteristicamente humanos que são reflexos da mentalidade própria do profeta. Além disso, surge a questão da leitura da história oculta, pois o que vemos é a realidade ou apenas parte dela? Aliás, Pessoa busca realizar em palavras o que seu povo fez pelo mar: descobrir o oculto, ir além dos limites conhecidos.

Sendo assim, o poeta é o mensageiro de Deus. Essa concepção de poesia coloca os poetas como os escolhidos por uma força absoluta, para transmitir aos que não têm acesso à mesma visão, por meio da imagem poética. O homem que não pode ver através da “neblina”, pode conseguir sentir os sinais do que está oculto. Com isso, o poeta é o escolhido pela divindade para ser seu emissário. A poesia é uma criação, ser poeta é uma missão. Pois, o poeta pode ver além, mesmo que por breves momentos, e tem a capacidade de revelar os sinais por meio de imagens simbólicas, que só ele pode ver da verdade oculta.

Uma revelação profética ou poética poderia ser uma questão de alucinação visual tanto quando auditiva, ou uma forma de visão imaginativa, como a estátua vista por Nabucodonosor e explicada pelo profeta Daniel (Daniel 2) e/ou a mulher descrita em O DOS CASTELOS: “A Europa jaz, posta nos covelos:/ De oriente a Occidente jaz, fitando, / E toldam-lhe românticos cabelos / Olhos gregos, lembrando”. (PESSOA, 2006, p. 17). Eis aqui uma imagem explicada pelo próprio eu poético já a partir da segunda estrofe de O DOS CASTELOS. O eu poético diz que o corpo que está deitado apoia-se nos cotovelos. O cotovelo esquerdo é a Itália e o direito é a Inglaterra. É no cotovelo direito que está apoiada a cabeça que fita o “futuro do passado”. Assim, a Inglaterra pode ser vista como a base da Europa. Temos nesta imagem o desenho da herança latina e britânica como princípios formadores do novo império que se anuncia no século XV. A mão que sustenta o rosto é mão do cotovelo da Inglaterra. Portanto, segunda a profecia, Portugal daria continuidade ao Império britânico, indicando o futuro espiritual glorioso de Portugal.

Por fim, Pessoa em uma tentativa hermenêutica de reorganizar o mundo português propõe uma atualização ou revisitação do discurso mitológico e histórico, apresentando uma textualidade em que diversos discursos (o histórico, o heráldico, o poético, o mítico, o místico-simbólico, o religioso) se entrecruzam. Assim ocorre um processo de dinamização de construções simbólicas adequadas à descrição dos eternos modelos de comportamento individual e social, que torna atual o problema do imaginário coletivo e a investigação dos motivos psicológicos nos poemas de *Mensagem*.

Pretendendo repensar a organização da cultura nacional em tempos de decadência moral e cívica, Pessoa alude à necessidade de Portugal renascer política, cultural e, sobretudo, literariamente: “Senhor, falta cumprir-se Portugal!” (PESSOA, 2006, p. 36). Então qual seria o destino nacional anunciado em *Mensagem*? Que sentido tem o verso “Senhor, falta cumprir-se Portugal!”? O destino da nação é o V Império, um Império vislumbrado no futuro, ou seja, uma aventura do espírito, uma viagem sem fronteiras de uma constante inquietação. E para cumprir-se Portugal, é necessário o regresso de D. Sebastião que estabelecerá um Império Cultural Universal.

Referências

- ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.
- AZEVEDO, J. Lúcio de. *A Evolução do Sebastianismo*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1918.
- BÍBLIA HEBRAICA*. Formato: ADOBE EPUB EBOOK. Trad. Tradutor: FRIDLIN, Jairo; GORODOVITS, David. Editora: SEFER EBOOK, 2012. E-book disponível em www.semeadoresdapalavra.net. Acesso em 14 de outubro de 2008.
- CAMOCARDI, Elêusis M. *Mensagem: história, mito, metáfora*. São Paulo: Arte & Ciência, 1996 (Universidade Aberta, v. 21).
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- DURAND, Gilbert. *Portugal: tesouro oculto da Europa*. Trad. Lima de Freitas et al. Lisboa: Ésquilo, 2008.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Trad. Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1989.
- FRANCO, José Eduardo. Profetismo e a ideia de nação: modelação religiosa do destino de um povo. *Revista Religare*. v.7 n. 2. 2010, p. 150-163.
- FREITAS, Lima de. *Porto do Graal*. Lisboa: Ésquilo, 2006.
- HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal nos Séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- IGLÉSIAS, Francisco. Pensamento político de Fernando Pessoa. In: IGLÉSIAS, Francisco. *História e ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981. p. 235-299.
- JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Trad. Vicente Pedroso. 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- KAYSERLING, Meyer. *História dos judeus em Portugal*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- MIELIETINSKI, Eleazar M. *A poética do mito*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- PESSOA, Fernando. *Álvaro de Campos: livro de versos*. 3. ed. Edição crítica de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1997.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Edição comentada por Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2006.

PESSOA, Fernando. *Pessoa inédito*. Coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

PESSOA, Fernando. *Sobre Portugal*: introdução ao problema nacional. Org. de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Lisboa: Ática, 1979. Disponível em <http://arquivopessoa.net/>. Acesso em 09/04/2015.

PESSOA, Fernando. *Textos de crítica e intervenção*. Lisboa: Ática, 1980

TUTIKIAN, Jane. Apresentação de Mensagem. In: PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Porto Alegre: L&PM, 2006.